

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.018](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.018)

LITERATURA DE MASSA E FORMAÇÃO LEITURA: POSSIBILIDADES DO FAZER PEDAGÓGICO

Élida Karla Alves de Brito

Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO da UERN, UFERSA, IFRN, elida.brito17@hotmail.com;

RESUMO

A literatura de massa é uma forma literária que tem o seu lugar de destaque entre o público mais jovem de leitores, que se encontram com os chamados *best-sellers*, na maioria das vezes, no início da construção da jornada literária. Isso significa que a literatura de massa está muito presente no começo da formação de leitores. O presente trabalho pretende discutir como esse segmento literário pode influenciar e incentivar significativamente a formação leitora, buscando também discorrer sobre os possíveis caminhos e estratégias pedagógicas que podem contribuir para a motivação da leitura a partir do trabalho com a literatura de massa. Para guiar as nossas análises, utilizamos como aporte teórico estudos e pesquisas desenvolvidas que de alguma maneira atravessam o nosso tema. Nesta perspectiva, buscamos compreender o que representa a literatura de massa, a indústria cultural e o pós-modernismo, conceitos esses que parecem revolucionários e muito presentes na literatura contemporânea, atribuindo a ela uma espécie de complementação. Problematizamos sobre a constante a propagação de percepções errôneas a respeito da cultura de massa, com vistas a demonstrar como essa literatura e cultura também deveriam e poderiam ser compreendidas de uma forma mais positiva. Além disso, discutimos sobre a importância e o lugar da literatura de massa na sala de aula e no fazer pedagógico. A pesquisa caracteriza-se

metodologicamente como um estudo bibliográfico de caráter prioritariamente qualitativo. As análises apontam para uma carência de engajamento no trabalho pedagógico no tocante a utilização da literatura de massa, no entanto, percebe-se que o uso desse seguimento pode ser precioso para a formação leitora, sobretudo, por aproximar os jovens da leitura.

Palavras-chave: Literatura de massa, Formação leitora, Ensino.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa discute as contribuições que a literatura de massa pode trazer para a formação leitora. Para tanto, tomamos como ponto de partida a recorrente compreensão de que a literatura e a cultura de massa possuem uma espécie de simplificação em sua estrutura que lhes permitem uma melhor aceitação com o público jovem, possibilitando uma compreensão direta no público infanto-juvenil.

Neste sentido, a literatura de massa pode ser considerada como o ponto de partida para o prazer de futuros leitores no ato de ler. Sendo assim, a necessidade de pesquisas nessa área é iminente, tendo em vista torná-la uma importante ramificação da literatura como um todo. Outro fator que contribui para o desenvolvimento de pesquisas nesse campo é que, ao se investigar a literatura de massa, é possível encontrar os aspectos estruturais que uma obra comporta para ser considerada como tal. Assim sendo, a presente proposta se justifica exatamente por buscar refletir sobre os aspectos próprios da literatura de massa capazes de colaborar para a formação de leitores, se estes são valorizados.

A inquietação para a realização deste trabalho está na tentativa de compreender o que representa a literatura de massa, a indústria cultural e o pós-modernismo. Tais conceitos parecem revolucionários e muito presentes na literatura contemporânea, atribuindo a ela uma espécie de complementação. As discussões que versam sobre o conceito de literatura contemporânea apontam para a importância de se buscar compreender o que é afinal essa literatura chamada contemporânea nos dias de hoje.

Nesse sentido, o filósofo Giorgio Agamben traz uma discussão muito esclarecedora ao apresentar uma compreensão mais ampla do conceito de contemporaneidade que difere daquele habitualmente aceito, pois de acordo com Agamben (2009), é possível dizer que aquele que aceita e se adequa sem atritos ao seu próprio tempo e está em total harmonia com ele, com suas verdades e elementos, não poderia ser chamado de contemporâneo. Nessa perspectiva, o filósofo esclarece ainda que:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p.59).

É possível compreender, portanto, que esse exercício de adesão e ao mesmo tempo distanciamento de seu tempo está presente na literatura contemporânea que se relaciona com o que é clássico e canônico, mas que rompe e se dissocia de determinadas amarras para se relacionar com o seu tempo ou com qualquer outro tempo sobre o qual lance seu olhar.

Outra motivação para a nossa pesquisa está no fato de, ainda atualmente, ser muito constante a propagação de percepções errôneas a respeito da cultura de massa e, por isso, este trabalho pretende demonstrar como ela também deveria e poderia ser compreendida de uma forma mais positiva. Nesse sentido, se observa ainda que a discussão sobre a importância e o lugar da literatura de massa começa ainda nos anos 60, isto é, no século XX, e é algo recorrente nos estudiosos dessa área como se observa nas contribuições de Sodré (1985), por exemplo.

Surgindo como uma nova arte mais popular, e, por isso mesmo, constituindo-se como uma literatura mais acessível, tanto no que diz respeito à compreensão como na forma de publicação, a literatura de massa se expande desde a invenção da imprensa por Gutenberg quando se tornou mais fácil produzir e reproduzir um grande volume de obras até quando se notou a necessidade de se pensar em uma forma que facilitasse a distribuição e o preço das obras que ainda eram inacessíveis para a maioria pertencente à classe operária ou trabalhadora.

É nesse contexto que surge o folhetim que era publicado em um espaço do jornal contendo uma história dividida em pequenas partes e destinada, especialmente, para a diversão. O público era quem determinava a continuação ou não das histórias, por isso,

se uma história agradasse ao público, então continuaria sendo publicada.

Já na atualidade, século XXI, percebe-se a literatura de massa inserida no contexto virtual com a internet, o que amplia o acesso aos gêneros pertencentes a essa modalidade literária. Na literatura de massa, é possível dizer que o gênero se refere às subdivisões por temática e público leitor, da narrativa romanesca, sendo reconhecidos pela natureza da atualidade informativo-jornalística veiculada. Alguns exemplos de gêneros da literatura de massa que destacamos são o romance policial, a ficção científica e o romance de terror. Pode-se afirmar que todos esses gêneros se articulam em função da identificação de um sujeito, sendo esses alguns dos caminhos da literatura de massa que vão desde Edgar Allan Poe, passando pela literatura policial até as revistas tipo Sabrina, os quais chegaram traduzidos ao Brasil por volta da década de 70 e ficaram conhecidos como “Romances de banca” e o repertório híbrido que circula hoje pelas redes e mídias sociais. Tais romances são bons exemplos de literatura de massa, pois eram acessíveis e vendidos nas bancas de revista.

Portanto, o trabalho aqui desenvolvido buscou responder questionamentos tais como: pode a literatura de massa ser um convite, uma porta de entrada para a formação de um leitor literário através do incentivo ao ato de ler? E se pode, cabe-nos pensar também como e de que maneira a referida literatura pode ser trabalhada a fim de incentivar a formação do leitor? E ainda, quais estratégias podem ser utilizadas para que se alcance esse objetivo?

METODOLOGIA

O trabalho atende às definições da pesquisa qualitativa, pois trata-se de uma análise temática, para qual selecionamos alguns autores que discutem assuntos que se relacionam com a nossa proposta, para, assim, conseguir chegar à solução do problema proposto. As nossas análises estão em torno da temática da literatura de massa e formação leitora. Por isso se faz necessário um levantamento detalhado de fontes que fundamentem e deem suporte para as reflexões que possam surgir no decorrer da pesquisa. Sendo

assim, a pesquisa será do tipo documental bibliográfica, visto que as análises acontecem a partir de documentos já publicados.

Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. (LIMA, MIOTO 2007, p. 38).

De acordo com as autoras, a pesquisa bibliográfica é confundida comumente com o referencial teórico de um trabalho de pesquisa. Porém, é importante que seja lembrado que a pesquisa bibliográfica é realizada com a seleção necessária e própria para a solução da pesquisa. Segundo Fonseca (2002, p. 32), esse tipo de pesquisa “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. A investigação bibliográfica é primordial porque permite ao pesquisador ter acesso e consultar o material existente sobre determinada temática. Assim, “qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica [...]” (FONSECA, 2002, p.32).

Com vistas a cumprir os objetivos propostos, as discussões aqui levantadas versam sobre o conceito de Indústria Cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, COELHO, 2006 e DURÃO; ZUIN; VAZ, 2008) e o texto está estruturado da seguinte maneira: O primeiro momento de caráter introdutório que se faz pertinente e necessário para a compreensão acerca do tema trabalhado. No segundo instante, é apresentado as concepções metodológicas. No terceiro momento, o trabalho se volta para a análises e discussões do ato de ler e com isso buscamos apontar como a leitura de toda e qualquer obra pode se constituir como um importante fator motivador para a formação do leitor (MANGUEL, 1997; ABREU, 2006; SANTIAGO 1994; SODRÉ, 1985). Além disso, refletimos sobre as características que podem fazer com que a literatura de massa contribua significativamente para a formação leitora, para, em seguida, mostrar

os possíveis caminhos e estratégias pedagógicas para esse fim. O quarto momento são tecidas algumas considerações de cunho conclusivos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa seção discutiremos mais a fundo as nuances que envolvem a temática da literatura de massa e a sua relação com a formação leitora de acordo com os objetivos propostos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA DE MASSA

Sendo caracterizada por conter obras cujo objetivo é chegar ao grande público e ao alcance popular, as produções que compõem a chamada literatura de massa também são conhecidas como *best-seller*, título que remete, principalmente, a publicações com um gigantesco sucesso de vendas. No entanto, para além dessa perspectiva comercial, a característica primordial que qualifica uma obra como literatura de massa é, sem sombra de dúvidas, a aceitação do público maior. Contudo, essa vertente literária ainda é um campo da literatura pouco explorado nas escolas e até mesmo na academia e isso parece ocorrer, sobretudo, porque essa vertente literária não segue uma estrutura de adesão ao cânone.

A singularização não é o ponto de destaque dessa literatura, mas existe, ou deveria existir, uma simbolização. Para compreendermos um pouco mais sobre essa questão, temos com Chklovski (1973, p. 45) que o processo de singularização acontece quando o autor descreve os objetos, sentimentos ou acontecimentos da forma como ele vê, deixando aquela descrição com uma aparência mais poética e causando um estranhamento no leitor, o que contribui para a literariedade do texto. Tal característica não é o ponto forte das obras demassa, já que o objetivo principal dessa forma artística é basicamente pensar em: como ela vai ser recebida na vida do leitor, que impacto ela vai causar, qualvai ser o simbolismo, o sentido, que essa obra terá para o leitor ou até mesmo o significado dessa obra para o seu receptor.

Nessa perspectiva, os escritores da literatura de massa estão exatamente empenhados no impacto emocional que a obra pode causar no leitor. E por isso, essa vertente literária é alvo de diversas

críticas, principalmente, por ser vista como uma leitura simples e que não exige do leitor o domínio de uma linguagem mais rebuscada e de difícil entendimento, característica esta que parece ser fundamental na literatura canônica.

Entretanto, diferentemente dessa compreensão amplamente disseminada, a linguagem culta ocupa um lugar de destaque nas produções da literatura de massa e as narrativas dessa forma literária podem retratar assuntos de qualquer dimensão e isso não implica dizer que se trata de uma produção simples. Essa perspectiva ganha força ao se considerar a produção do romance policial, ou *noir*, de escritores de língua inglesa, nomes como os de Patricia Highsmith, Raymond Chandler, Dashiell Hammett, George Simenon, por exemplo. Para Sodré (1985, p. 16), a literatura de massa é reconhecida por narrar assuntos velados e considerados restritos, dos quais a sociedade se esquiva. A compreensão de Sodré parece dialogar muito bem com o conceito de pós-modernismo, um movimento da arte que está dentro da literatura de massa, cujas produções artísticas visam justamente confrontar assuntos tradicionalmente não aceitos pela sociedade.

Nesta perspectiva, temos com Hutcheon (1991, p.20) que o pós-modernismo é “fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político” remetendo, portanto, a composições que evidenciam o confronto, o embate com o que é considerado comum e padrão e essa função social da arte pós-moderna exerce um papel que está presente na literatura de massa.

No entanto, isso não implica dizer que o pós-modernismo e a literatura de massa são, necessariamente, a mesma coisa, pois a arte pós-moderna não aborda somente críticas sociais e ainda, segundo Hutcheon (1991, p.20), “suas contradições podem muito bem ser as mesmas da sociedade governada pelo capitalismo recente”. Contudo, se observarmos o estudo feito por Sodré (1985), logo verificaremos que não há um padrão estrutural capaz de definir fielmente a literatura de massa. Segundo Sodré (1985):

[...] uma obra de literatura culta pode tornar-se um best-seller (isto é, ter grande receptividade popular), assim como um livro “de massa” pode ter sido escrito por alguém altamente refinado em termos culturais e

mesmo consumido por leitores cultos. (SODRÉ, 1985, p. 6).

Assim sendo, uma obra de literatura culta, que exige uma linguagem literária rebuscada também pode se tornar de massa. Portanto, os elementos simbólicos, a capacidade de emocionar o leitor, é o que está mais presente nessa literatura, assim como o aspecto de penetração comercial. Dessa forma, em termos valorativos, não há um padrão certo para nenhum tipo de literatura, uma vez que uma obra já consolidada como de massa, pode passar a ser uma obra culta, na visão de Sodré (1985, p. 6). Um bom exemplo desse cenário mencionado por Sodré é o de Umberto Eco, com o romance *O Nome da Rosa*. Nesse caso, a intencional confluência do erudito com o entretenimento estabelece uma conjugação de registros que flexibiliza o duro conceito de literatura de massa.

No tocante a essa questão, destacamos também as proposições feitas por Abreu (2006), que relembra a época em que surgiram os folhetins de jornais, que deram origem ao próprio gênero romance, circulando pela população, a massa, e alguns passando a ser considerados como literatura culta com o passar dos anos, já que esse novo gênero havia surgido. Partindo desse pressuposto, podemos pensar que, daqui a alguns anos, os livros considerados hoje como literatura de massa, dessa forma compreendidos como uma literatura inferior, podem alcançar um lugar que os torne obras cultas, bem como a literatura de massa deixando assim de ser considerada uma literatura de baixa importância.

Nesse sentido, é válida a reflexão de que embora uma obra se encaixe em determinada literatura, “cultas” ou de “massa”, a dependência não deve ser exclusiva do processo de produção e de comercialização, mas sim de como o público irá recebê-la (SODRÉ, 1985, p. 6). Ou seja, um escritor se consolida como autor de obras cultas ou de massa quando ele se depara com a reação do público.

Assim, mesmo com elementos de crítica social, o texto de massa mantém visível a sua estrutura através de personagens fortemente caracterizados, de uma abundância de diálogos (capazes de permitir uma adesão mais intensa do leitor à trama) e de exploração sistemática da curiosidade do público. (SODRÉ, 1985, p. 16).

Assim, uma das características que o texto da literatura de massa traz para envolver o leitor seria uma forte presença de diálogos, o que remete o leitor à realidade dele próprio e faz com que ele se apegue mais às personagens e à leitura, instigando a curiosidade. Outro fator citado por Sodré, que está presente na literatura de massa, é a caracterização das personagens de forma muito evidente, e isto, nós podemos afirmar que também é um diferencial entre as duas literaturas discutidas, já que na dita literatura culta, identificar a personalidade de uma personagem nem sempre é algo possível ou tão facilmente feito.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A INDÚSTRIA CULTURAL

A indústria cultural se caracteriza como sendo aquilo que faz manifestações artísticas em forma de produtos elaborados para prender a atenção do consumidor, adaptando obras (nos casos de cinema e TV) para um contexto que esteja em evidência no momento em que aquele produto será lançado, e que possa gerar uma identificação na maioria das pessoas, para que assim tenha uma boa repercussão e seja bem vendido. É o que ocorre, por exemplo, com as produções audiovisuais baseadas em obras literárias que, de certa forma, também são responsáveis por essa popularização. Nesse sentido, é possível perceber que a procura por determinadas obras, mesmo as produzidas por autores canônicos, se intensifica a partir do contato de um potencial leitor com a produção audiovisual, é o que ocorre com Jorge Amado (Dona flor e seus dois maridos, Capitães de areia, Gabriela, cravo e canela etc.), que teve diversas de suas obras adaptadas para a TV e cinema.

Os estudiosos dessa área tomam como objeto de estudo aquilo que foi usado como inspiração para aquela produção industrial, pois geralmente é onde se encontra a significação para os leitores/consumidores, onde se pode construir uma análise baseada nos pontos que proporcionam uma reflexão mais aprofundada nas pessoas, nos aspectos que as inspiram e emocionam.

A “indústria cultural” é um daqueles objetos de estudos que se dão a conhecer para as ciências humanas antes por suas qualidades indicativas, ou aspectos exteriores, do que por sua constituição interior,

estrutural. E um desses traços indicativos é exatamente o da ética posta em prática por essa indústria. (COELHO, 2006, p. 8).

Coelho (2006) também faz menção de como essa indústria deve ter responsabilidade pela noção de ética do indivíduo, ou seja, a indústria cultural ocupa um lugar relevante na vida dos consumidores, por assim dizer, e os produtores dessa indústria devem ser responsáveis quanto a isso. Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural segue um sistema que contém uma mesma ordem uniforme de produção: “O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100), seguindo uma fórmula que conduz o produto a alcançar altos números.

Com relação a terminologia, o termo “Indústria cultural” advém da cultura de massa, que teve seu surgimento com o jornal, onde se instalaria a indústria cultural, inicialmente. Com o surgimento do jornal, viriam a aparecer os folhetins, romances que eram publicados serializados por capítulos, uma forma massificada de literatura culta, um jeito de levar a leitura a um maior número de pessoas. Assim como viriam a surgir as formas massificadas de teatro, manifestadas como teatro de revista, ópera em forma de opereta e pintura representada em forma de cartaz (COELHO, 2006), dando origem à cultura industrial, produções destinadas à população.

Poderíamos então considerar a cultura de massa como uma cultura produzida para pessoas de uma classe social mais baixa? Coelho (2006) nos entrega uma definição de três tipos de cultura, a superior, a *midcult* (cultura do meio) e a *masscult* (cultura de massa), vendo dessa forma, podemos facilmente assemelhá-las com a diferenciação das classes sociais, mas não é bem assim com as culturas, classificação que vem de Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados* (1967). De acordo com Coelho (2006), a cultura superior seria tudo aquilo que é canonizado, a *midcult* seriam produções que tem como espelho a cultura superior, porém, facilitando-a, e tratando-a como a verdadeira cultura, dando ao consumidor a sensação de ter consumido a cultura superior. Já a *masscult*, que seria considerada a mais baixa delas, se trata de novas construções, que não

procuram serem iguais ou parecidas com a cultura dita superior, é uma nova forma de fazer arte, podendo então nos levar a reavaliar a concepção de que esta seria uma cultura inferior.

Coelho (2006) aponta que esses tipos de culturas se misturaram entre as classes sociais, não é possível dizer que uma pessoa de classe alta vai consumir obrigatoriamente apenas o que está na cultura superior, ele pode também ter acesso à *midcult* e *masscult*. Algo muito comum de ser percebido nos discursos atuais é a noção de que a cultura de massa é responsável por alienar as pessoas que a consomem, tornando-as conformadas e incapazes de perceber quem são elas mesmas, por estarem imersas com na ilusão de prosperidade/relaxamento que a cultura pop reproduz.

Assim, partindo do pressuposto (aceito a título de argumentação) de que a cultura de massa aliena, forçando o indivíduo a perder ou a nãoformar uma imagem de si mesmo diante da sociedade, uma das primeiras funções por ela exercida seria a narcotizante, obtida através da ênfase ao *divertimento* em seus produtos. (COELHO, 2006, p. 21).

Coelho descreve que, o processo de “alienação”, embora esse seja termo associado ao campo lexical da medicina que trata das chamadas doenças mentais e, por outro lado, também se encontra na teoria marxista, na presente pesquisa, a “alienação” a que nos referimos se dá, principalmente, devido a função de entreter o consumidor, fazendo com que ele se esqueça dos problemas que o cercam, dando a ele o hábito de se distrair e estar se desfazendo de suas responsabilidades. Assim, Coelho (2006), aponta que a cultura de massa, demonstrando o ponto de vista dos que acolhem essa cultura, que argumentam que esta é, como qualquer outra, uma cultura com a mesma função das demais, de esclarecer o real significado do mundo, não o alienar. Essa cultura tem a seu favor as inúmeras evoluções tecnológicas, que aumentam a possibilidade de alcance a mais pessoas. Entretanto, as informações passadas por essas mídias nem sempre têm como objetivo despertar o ser humano do seu estado absorto, e este é um problema observado pelo autor.

No entanto, cabe-nos pensar o que significa para a cultura de massa desvelar esse “significado do mundo”. Nessa perspectiva,

ponderamos que a literatura produzida para a massa, não tem como tarefa ou função apontar ou “esclarecer o real significado do mundo”, porque não há este único significado. E assim, a literatura de massa, justamente porque “aliena”, tomando como base a definição de alienação exposta no parágrafo anterior, é que abre margem para o leitor perceber os diversos significados do mundo, bem como a possibilidade de existência de outros mundos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR

Espera-se que a formação do leitor se inicie em seus anos na escola, onde acontece o contato com a literatura brasileira, e pela leitura desses livros são elaboradas atividades onde se deve responder sobre os acontecimentos da trama, para comprovar se o aluno chegou a ler o livro. O modo como a literatura é abordada dentro de sala de aula depende da posição do professor diante dela, mas geralmente é dada maior ênfase ao estudo da gramática do texto, a ordem dos acontecimentos, e não se espera do aluno que ele entenda ou goste do livro.

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal. (ABREU, 2006, p. 19).

Na fala acima de Márcia Abreu, percebemos que saber falar sobre os livros clássicos e escritores torna-se mais importante do que sua experiência com a leitura. O que se deve ensinar na escola é como aproveitar uma leitura, dando assim uma oportunidade aos alunos de terem contato com os clássicos em um momento mais adiante, para que, assim, aconteça um processo de aquisição de linguagem literária, que é possível quando se começa lendo uma obra que se faça entender sem precisar dessa linguagem, que apresente contextos em que o aluno se identifique e queira ler mais e mais, assim ele vai construindo o seu potencial literário, para que possa alcançar os grandes clássicos.

Outro ponto abordado por Abreu (2006, p.15), que deve ser lembrado, é a sua visão de que os gostos são muito individuais, principalmente quando se trata de literatura. Abreu (2006, p.18) está sempre defendendo a influência que um livro pode causar na vida de um leitor, portanto, ela critica a posição dos intelectuais que destilam opiniões negativas quando descrevem um livro que venha a ser um best-seller. Ela defende que se o livro atinge muitas pessoas, é porque para elas aquele livro é uma obra literária com um alto valor, ou porque elas se emocionam e se divertem. O leitor deve ter acesso a todos os tipos de leitura, não deve procurar apenas aqueles que são rotulados como os maiores e mais importantes, pois assim o leitor poderá encontrar sua identidade literária e terá mais sucesso em suas experiências com a literatura.

Você já percebeu que nem todo texto literário faz um uso artístico da linguagem e que um uso artístico da linguagem não garante que o texto seja tido como literatura. Da mesma forma, nem toda ficção é literária assim como nem toda literatura é ficcional. (ABREU, 2006, p. 35 – 36)

Nessa fala, Márcia Abreu demonstra a complexidade que existe em saber categorizar o que é literatura ou não, tendo em vista que o uso especial da linguagem nem sempre pode fazer com que uma obra seja considerada literatura, esta é apenas uma das possíveis características que um livro pode conter. Para que um livro chegue em um estágio de produção, publicação, distribuição ao público, acredito que dentro dele há um uso especial da linguagem somente por ele ter chegado a este ponto, considerando a dificuldade de se elaborar um livro, seja ele uma autobiografia de um artista famoso teen, um best-seller ou um trabalho de um escritor renomado, todos terão um papel importante na vida de alguém que vá pegá-lo para ler.

Em outras palavras, pode-se dizer que um livro de Paulo Coelho, por exemplo, não recebe o mesmo tratamento estilístico de um de Milton Hatoum. Sendo assim, é necessário compreender em quais que há elementos constituintes de cada estilo e é isso o que contribui para esclarecer a diferença entre literatura de massa e alta literatura. Contudo, é preciso perceber os elementos que permitem

romper com o julgamento que estabelece valores de hierarquização entre as modalidades literárias e o rebaixamento da produção literária que é destinada à grande massa de leitores.

Assim, a relação que o leitor tem com a literatura dá a ele um caráter analisador, que permite a ele perceber os acontecimentos pessoais de forma mais profunda, além de ser um fator importante para o processo de (trans)formação do leitor como um pensador livre, um formador de opiniões, um questionador.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA DE MASSA E FORMAÇÃO LEITURA E AS POSSIBILIDADES DO FAZER PEDAGÓGICO

No início da vida estudantil, é ideal que o aluno comece a ser incentivado a se familiarizar com a literatura e esse incentivo pode acontecer através de vários meios como o familiar e o escolar, por meio, principalmente, da figura do professor; para que isso possa reverberar nos anos a se seguir da vida escolar. Para qualquer decisão acadêmica que os estudantes venham a fazer, o hábito de leitura é essencial para se obter sucesso em qualquer área de estudo que seja a escolha do aluno.

A escola também tem um papel fundamental na jornada até a formação leitora e para isso a instituição precisa aprender a ouvir, dar voz a seus alunos, apresentar as ideias destes e desta forma valorizar a sua participação. Também é papel da escola reconhecer as singularidades e, ao mesmo tempo, compreender que o indivíduo está em constante transformação. Daí a necessidade do reconhecimento da mudança de paradigmas e concepções sobre o real papel da escola enquanto instituição formadora.

Segundo Ropoli et ali, (2010, p.10):

[...] para atender a todos e atender melhor, a escola atual tem de mudar, e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. Cada escola, ao abraçar esse trabalho, terá de encontrar soluções próprias para os seus problemas. As mudanças necessárias não acontecem por acaso e nem por Decreto, mas fazem parte da vontade política do coletivo da escola, explicitadas no seu Projeto Político Pedagógico-PPP e

vividas a partir de uma gestão escolar democrática. (RAPOLI *et alii*, 2010, p. 10).

A escola precisa buscar de maneira coletiva vencer os desafios e para isso partir do seu Projeto Político Pedagógico para construir novas aprendizagens e soluções a problemas atuais e futuros. Essa passagem é excelente também, pois nos permite refletir sobre a questão do ensino de literatura, e, mais precisamente, sobre a importância curricular do texto literário e de como a discussão da leitura desse tipo de texto passa pela formação escolar visando à cidadania.

No tocante à formação leitora, a literatura de massa que, estruturalmente, apresenta uma linguagem simplificada, pode trazer benefícios permanentes aos alunos. Além de ser uma literatura mais acessível linguisticamente e mercadologicamente, a literatura de massa também traz narrativas que englobam a realidade da juventude, sendo assim, os alunos se identificam e se dedicam a participar ativamente da leitura e atividades que o professor propor, como explica Sodré (1985):

Assim, mesmo com elementos de crítica social, o texto de massa mantém visível a sua estrutura através de personagens fortemente caracterizados, de uma abundância de diálogos (capazes de permitir uma adesão mais intensa do leitor à trama) e de exploração sistemática da curiosidade do público. (SODRÉ, 1985, p. 16)

Para além disso, a literatura de massa tem como objetivo atingir assuntos que a sociedade geralmente rejeita, segundo Sodré (1985, p. 16), principalmente quando se trata de analisar o que acontece com os jovens, seus pensamentos e sentimentos, algo que não é considerado importante, mas é inevitável que apareçam frequentemente dentro da sala de aula, e o professor tenha que lidar; os livros podem trazer discussões necessárias como saúde mental, autoestima, *bullying*, entre outros assuntos que estão presentes no crescimento dos alunos.

Nesta perspectiva, para ensinar é necessário pensar as metodologias que tornarão o ensino possível considerando as especificidades do processo a que se propõe e no que se refere ao ensino de literatura é preciso buscar os meios que possibilitem

não somente a leitura de textos, mas a formação de leitores como salienta Cabral (2009).

No entanto, o trabalho com o texto literário em sala de aula ainda se assemelha muito ao ensino de gramática ou de língua materna, por isso Cabral (2009) aponta 5 (cinco) modelos metodológicos que auxiliam o professor no processo pedagógico do ensino, sendo eles os Métodos: Científico, Criativo, Recepcional, comunicacional e Semiológico; aos quais cabe ao professor observar e selecionar o que mais se adequa à situação e ao momento de cada público, bem como aos objetivos que pretende alcançar.

Neste sentido, é possível refletirmos sobre o texto literário e o seu lugar na sala de aula, um tema essencial que marca o protagonismo do professor frente ao processo de ensino e as metodologias a serem aplicadas na eleição dos textos. Cabendo ao docente avaliar quais critérios considerar para desenvolver da melhor maneira trabalho com textos literários na sala de aula. Nessa etapa, é possível observar que o ensino de literatura e, conseqüentemente, de textos literários na escola é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. A leitura de textos, sejam eles literários canônicos ou de literatura de massa é fundamental no processo de formação leitora.

Percebe-se assim que o uso de textos literários está presente e permeia todo o processo educativo desde as séries iniciais e cabe ao professor a responsabilidade pela seleção e eleição dos textos que serão utilizados nas aulas, além de tentar ensiná-los da melhor maneira possível aos alunos.

Contudo, a escolha de um texto não é uma tarefa fácil. Escolher o texto a ser utilizado em uma aula requer considerações sobre vários fatores dentre eles está a adequação do texto à realidade do público ao qual se destina. De acordo com Cavalcante (2009), os textos literários devem ser eleitos a partir da realidade do aluno para que possa haver uma identificação entre o texto estudado e as vivências do aluno. Ainda segundo Cavalcante (2009), é preciso que o professor esteja atento as temáticas abordadas no texto e os sentidos que serão construídos após a leitura e estudo daquele texto.

Rouxel (2013) em *Aspectos metodológicos do ensino da literatura* apresenta e discute algumas questões que dão conta da literatura e da didática da literatura para propor mudanças

importantes a serem consideradas, especialmente, no que se refere ao paradigma de literatura que por muito tempo fora entendida como representante apenas de textos canônicos e com finalidade e empenho demasiadamente estético. Para Rouxel (2013) é importante que se tenha uma nova concepção da literatura, observando que esta atua como ato de comunicação, falando assim, que o trabalho com literatura na sala de aula deve atentar para os processos de produção e recepção das obras que estão interligados com aspectos como o escritor, a edição, a crítica, os leitores e a própria escola e sua realidade.

Além disso, a autora apresenta que o processo de leitura literária exige o reconhecimento daqueles que leem, ou seja, dos leitores e isso exige que se leve em conta o sujeito leitor e não um modelo ideal de leitor que por vezes a escola deseja. Os novos paradigmas apontam para uma cultura literária cuja concepção evidencia uma literatura viva que é "concebida como um saber para si, para pensar, agir, se construir" uma vez que "pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade" (ROUXEL, 2013, p.32).

Tais aspectos se considerados devem provocar mudanças significativas na maneira como o ensino de literatura é percebido e trabalhado em sala de aula. Ainda neste sentido, Rouxel (2013) aponta que o papel do professor deve ir além de transmitir as interpretações prontas e acabadas que são apresentadas na maioria dos livros didáticos e paradidáticos. Diferente dessa posição, a autora aponta que o professor deve ter o caráter de um profissional reflete, analisa e pondera sobre os diferentes aspectos de um texto para propor a sua leitura naquele contexto em que leciona.

A autora também faz sugestões didáticas valiosas para que professores observem e escolham textos que se interliguem com as capacidades cognitivas e faixa etária do público que irá fazer uso do texto, pois, após a etapa de seleção, vem a mediação da leitura, na qual cada professor dentro de sua forma didática vai fazer uso para repassar e estimular a seus alunos lerem, para isso é preciso ir além do "Leia tal texto" e se tornar um verdadeiro incentivador da leitura demonstrando o quão prazeroso é o mundo da leitura.

Ao mediar cada processo de leitura, o professor precisa atentar para a subjetividade dos discentes e de cada leitura, tendo esse

olhar humanitário os fazeres na escola se darão de forma bem mais prazerosa. Para essa metodologia de mediação, Medeiros (2013) afirma que o ato de ensinar deve ser pautado por estratégias precisas e específicas que estimule a formação de um ser cidadão.

Com isso, percebemos que o papel do professor é de fundamental importância para o processo de formação tanto leitora como social. A importância da leitura e da literatura para a formação leitora exige do professor engajamento, envolvimento com as histórias contadas, com o texto e com a maneira de explorar o texto na sala de aula. Quando estimulada desde a infância a ter contato com livros, é provável que a criança desenvolva apreço pela leitura podendo tornar-se um potencial leitor.

Outra questão é que o trabalho com o texto é ir além do trabalho gramatical por vezes supervalorizado nas salas de aula, devendo-se priorizar o texto e a construção de sentidos possibilitada pela leitura. Assim, a possibilidade de utilizar a literatura de massa como ponto de partida e motivação para a formação leitora se dissemina de várias formas e pode ser observada, por exemplo, ao se analisar o pós-modernismo, forma artística que está dentro da literatura de massa e tem como finalidade principal confrontar os problemas ignorados pela sociedade.

Assim, uma vez que o professor incentiva, motiva e expõe os alunos à literatura de massa, e ensina a observar aspectos presentes nos livros além do que normalmente se é ensinado, que é a gramática e a ordem de acontecimentos, os alunos estão também aprendendo e exercendo a criticidade, o livre pensar, autonomia; além disso, há aí uma significativa contribuição para que o aluno se torne um analisador de diversos campos da realidade por meio da leitura que faz a partir do seu próprio gosto e não apenas pela imposição do professor. A leitura será assim algo que ele levará para a vida e não apenas o cumprimento de um requisito escolar.

No mercado da literatura de massa, encontram-se histórias que tratam de assuntos de qualquer dimensão, por isso o professor pode selecionar livros que abranjam os assuntos citados, assim ele gera reflexão, aprendizado, e impulsiona o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita do aluno. Quando apresentados à essa forma literária, os alunos estarão aprimorando suas habilidades para que possam elevar suas leituras a outros níveis literários,

como a literatura culta, que é a literatura reconhecida por meios acadêmicos e está inserida em espaços universitários, sendo considerada, assim, uma produção literária de maior prestígio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou como a utilização e o incentivo à leitura da literatura de massa pode se constituir como um convite à formação leitora, justamente pelo lugar em que está inserida, sendo mais precisamente destinada ao público infanto-juvenil e se disseminando através de diversos meios da Indústria Cultural mais populares e acessíveis ao público como o cinema, filmes e até mesmo séries de TV ou o serviço de streaming.

Nosso trabalho contribui para o acervo literário no campo da literatura de massa, uma área que não é tão explorada cientificamente, mas ocupa um espaço importante no início da jornada literária dos leitores. A indústria cultural é muito presente cotidianamente, e entender o seu funcionamento, o que ela pretende, é bastante necessário. Como estudante de Letras, o trabalho amplia os saberes acerca da interpretação textual e da compreensão de literatura.

Demonstramos as características que podem fazer com que a literatura de massa atue na formação leitora, bem como os caminhos e estratégias pedagógicas possíveis de serem utilizadas pelo professor e que podem contribuir para a motivação da leitura a partir do trabalho com a literatura de massa desde a seleção dos textos que pretende utilizar na aula e maneira como trabalhar cada um.

A pesquisa analisa ainda como a literatura de massa pode ser considerada uma espécie de ponto de partida para o prazer de futuros leitores no ato de ler, aproximando o alunado de assuntos e temas dentro de sua realidade semelhantemente ao que ocorre às produções da Indústria Cultural por meio de filmes e séries, por exemplo, que fazem um movimento de suavização do conteúdo presente em diversos livros, para que o material possa se apropriar ao conteúdo padrão consumido pelo público-alvo dessa indústria.

Desse modo, percebemos que, apesar do pouco engajamento com o trabalho pedagógico no tocante a utilização da literatura de

massa, é possível perceber que o uso desse seguimento pode, sim, ser precioso para a formação leitora, sobretudo, por aproximar da leitura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: literatura e cultura. São Paulo: EditoraUnesp, 2006.

ADORNO. Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CABRAL, Sara Regina Scotta. Metodologias no processo de ensino e aprendizagem. In: ULBRA (Org.). **Metodologia de ensino de literatura**. Curitiba: IPBEX, 2009. p. 15- 28.

CAVALCANTE, Moema. O texto em sala de aula. In: ULBRA (Org.). **Metodologia de ensino de literatura**. Curitiba: IPBEX, 2009. p. 99-111.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DURÃO, F.; ZUIN, A.; VAZ, A.F. (orgs.). **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Ver. Katál. Florianópolis v. 10 n. p. 37-45 2007.

MANGEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: MEC/SEE, v. 1, 2010.

ROUXEL, Annie; REZENDE, Neide Luzia de. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTIAGO, Silvano. **Literatura e Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: CEBRAP, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller**: a literatura de mercado. São Paulo: Ática, 1985.